

## DESAFIOS DOS PROFESSORES NA PRÁTICA ESCOLAR A PARTIR DE ASPECTOS DISCIPLINARES DE ALUNOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*(THE CHALLENGES OF TEACHERS IN SCHOOL PRACTICE FROM THE DISCIPLINARY ASPECTS OF STUDENTS IN THE INITIAL YEARS OF FUNDAMENTAL EDUCATION)*

Edilane Lima de Souza<sup>1</sup>  
Larissa Alves da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Desafios do professor na prática escolar é um tema relevante e que precisa de estudos específicos, pois os aspectos disciplinares dos alunos influenciam diretamente no trabalho pedagógico do professor. Este artigo teve como objetivo conhecer causas da indisciplina e sua relação com a prática pedagógica. Como método, utilizou-se a pesquisa exploratória, qualitativa, bibliográfica e de campo. A coleta de dados em campo ocorreu por meio de entrevistas, de forma remota. A pesquisa concluiu que não existe uma definição ou causa única de indisciplina. Concluiu-se também que existe a necessidade de se avaliar cada caso individualmente, considerando fatores externos, como os problemas familiares e sociais. Sobre a prática pedagógica, conclui-se que um ensino transformador exige avaliar constantemente as propostas de trabalho na escola e considerar que o professor e seus pares são os principais agentes de mudança.

**Palavras-chave:** Indisciplina. Prática escolar. Professor.

### ABSTRACT

Challenges of the teacher in school practice is a relevant topic and needs specific studies, as the disciplinary aspects of the students directly influence the pedagogical work of the teacher. This article aimed to understand the causes of indiscipline and its relationship with pedagogical practice. As a method, we used exploratory, qualitative, bibliographic and field research. Data collection in the field took place through interviews, remotely. The research concluded that there is no single definition or cause of indiscipline. Furthermore, we conclude that there is a need to evaluate each case individually, considering external factors, such as family and social problems. Regarding pedagogical practice, we found that transformative teaching requires constantly evaluating work proposals at school and considering that the teacher and his peers are the main agents of change.

**Keywords:** Indiscipline. School practice. Teacher.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia (UniATENEU). E-mail: edilanesouzaalex@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia (UniATENEU). E-mail: larisdesilva@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O tema proposto “Desafios dos professores na prática escolar a partir de aspectos disciplinares de alunos nos anos iniciais do ensino fundamental” aborda questões acerca dos desafios que os professores têm no dia a dia, em sala de aula, enfocando principalmente os aspectos da indisciplina, diretamente relacionados aos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental, e frente a esse questionamento, esta pesquisa busca o entendimento sobre as possíveis causas que levam à indisciplina destes alunos.

Compreendemos que estudar os aspectos da indisciplina na sala de aula deve ser tarefa de todo professor e por quem pretende atuar na área da educação, por ser a indisciplina, um dos problemas difíceis de lidar e que traz grandes desafios ao professor no exercício de sua prática pedagógica, podendo comprometer o objetivo final da aula.

Sabemos que na graduação, o estudante do curso de Pedagogia aprende as teorias, as metodologias, técnicas e tendências da aprendizagem, bem como vários outros conteúdos necessários para sua formação, porém, é na prática de ensino, que esse professor pode sentir-se em situação de total inexperiência, o que deixa claro a necessidade de entender as causas da indisciplina, um problema que afeta tantas crianças em sua fase escolar.

Conforme Alves (2006, p.16) a indisciplina tem sido uma das grandes dificuldades da escola contemporânea, fazendo deste um grande desafio a ser enfrentado pelo docente

Por isso, são importantes estudos mais específicos desses aspectos disciplinares, principalmente nos dias atuais, onde percebemos que o fenômeno da indisciplina tem se tornado mais abrangente.

Essa importância também se dá pelo fato da capacitação que o docente precisa ter para atuar frente a tais situações de conflitos, que possam surgir no exercício de sua função. Portanto, pensamos que se houver na formação do professor tais recursos teóricos e práticos relacionados às estratégias adotadas ou ao conhecimento mais aprofundado acerca da indisciplina, ele terá mais segurança em realizar seu trabalho.

Vale ressaltar que esta pesquisa foi desenvolvida no contexto de um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, no Centro Universitário Ateneu, e neste âmbito outros acadêmicos (SILVA; LIMA, 2017; GUEDES; LIMA; LIMA, 2019; VERGAMOTA DE SÁ et al, 2020) já desenvolveram investigações com temáticas similares, o que demonstra constante interesse e demanda pela questão da indisciplina na escola.

A partir dos elementos até aqui colocados, apresentam-se os seguintes questionamentos: quais são as causas que levam os alunos a terem um desvio de conduta e o descumprimento das regras escolares? Quais práticas pedagógicas podem ser utilizadas pelos professores para mediar e solucionar esses problemas?

Consideramos importante também, saber acerca do papel da escola diante da prática pedagógica dos professores, frente à indisciplina dos alunos em sala de aula, pois sabemos que a escola tem um papel relevante na sociedade, pelo compromisso com a formação social do indivíduo. Assim, o objetivo desta pesquisa é conhecer as causas da indisciplina e sua relação com a prática pedagógica.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Iremos abordar a questão do ambiente escolar e os aspectos da indisciplina que são enfrentados pelo docente na sala de aula. Para isso é necessário atentar para os conceitos, possíveis causas e a sua relação com prática pedagógica.

### **2.1 Refletindo os aspectos disciplinares, conceitos e possíveis causas**

Sempre que lembramos do ambiente escolar percebemos o quanto a interação social faz parte do desenvolvimento humano e como essa relação entre as pessoas pode trazer inúmeras pautas de discussões para diversos temas e conflitos sociais que, por sua vez, necessitam de estudos mais específicos a fim de entendermos a complexidade dos fenômenos em questão.

Um desses fenômenos que tem preocupado todos os envolvidos e principalmente os profissionais da educação é o fenômeno da indisciplina, justamente pelo fato das dificuldades que o educador pode encontrar ao desenvolver o trabalho pedagógico.

Inclusive esse tema tem chamado a atenção de alguns pesquisadores de trabalhos científicos preocupados com a postura do professor ao enfrentar o problema. Bennet e Costa (2009) defendem, por exemplo, a questão de pensar coletivamente no assunto, como forma de ajudar os profissionais a adquirir práticas educativas reflexivas, não só para enfrentar o problema, mas para trazer significados no sentido de encontrar possíveis mudanças.

Pode parecer irrelevante preocupar-se com os aspectos disciplinares, mas o que vemos cada vez mais são: professores que não sabem mediar conflitos e que são constantemente pressionados a resolvê-los, pais que cobram e são cobrados a respeito do comportamento dos

filhos, alunos que apresentam tais comportamentos sendo tirados das salas de aula, seguindo o senso comum “é melhor afastar-se do problema, do que tentar entendê-lo”.

Percebemos, então, que a indisciplina pode envolver muitos fatores e é uma categoria bastante ampla. Segundo Alves (2006, p. 50): “A indisciplina é complexa não porque não conseguimos explicá-la. Sua complexidade se justifica por existir uma infinidade de variáveis que interferem nas relações e nos comportamentos humanos”.

Mas, afinal, o que pode ser considerado ato de indisciplina? E o que leva a tal comportamento? Essas são questões importantes e o primeiro passo para olhar e refletir sobre o assunto de uma maneira mais humana.

Quando falamos de disciplina associamos ao modo de comportar-se, obedecer, manter a ordem, cumprir um dever estabelecido por uma sociedade, instituição ou ambiente frequentado. Seguindo o raciocínio, logo quem é indisciplinado, não obedece, não se comporta, não cumpre deveres, descumpra as regras promovendo conflitos.

Parrat-Dayan (2008, p.18) afirma que:

Em geral o conceito de indisciplina é definido em relação ao conceito de disciplina [...]. Evoca-se também a sanção e o castigo que se impõe quando não se obedece a regra. Assim, o conceito de disciplina está relacionado com a existência de regras; e o de indisciplina com a desobediência a essas regras.

Entretanto, caracterizar a indisciplina não é uma tarefa fácil, pois não há um manual de regras específicas que acompanhe o comportamento humano, até porque o ambiente escolar pode ser considerado uma “caixinha de surpresas”, o professor pode até se planejar quanto às atividades propostas, mas não há como saber o que vai acontecer em relação aos conflitos de convivência.

Há quem pense que as crianças de hoje são bem mais indisciplinadas em comparação às de antigamente, isso se dá pelo fato de que no passado o autoritarismo predominava, a escola era seletiva, implicava disciplina e castigo, a figura do professor era a de único detentor do conhecimento e o aluno ficava restrito à tarefa de apenas aprender e de maneira nenhuma interagir, tinha como dever apresentar resultados para ser visto como bom aluno, fazendo merecer seu lugar na sala de aula. Assim, era fácil identificar que aluno disciplinado era aquele de comportamento exemplar, que obedecia às ordens sem refutá-las, fazia silêncio como sinal de respeito e tinha mais chances de um futuro promissor.

Mas por que não é isso que vemos atualmente nas salas de aula? Segundo Parrat-Dayan (2008, p.19) “o conceito de indisciplina não é estático, nem uniforme, nem universal. A indisciplina relaciona-se com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre culturas diferentes, nas diferentes classes sociais”. Essa mesma autora afirma ainda que “O conceito de indisciplina não apenas se traduz de múltiplas maneiras, mas é também objeto de múltiplas interpretações”. (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 21).

Justamente pelo fato de a indisciplina se manifestar de várias maneiras e interpretações é que temos a noção do quanto o educador pode ficar inseguro e confuso do modo como lidar com a falta de ordem no seu ambiente de trabalho. Pois uma mesma situação pode ser julgada de formas diferentes.

Podemos citar como exemplo um aluno que fica fazendo piadas na hora da explicação desconcentrando a turma, um professor pode entender como ato de desrespeito e rebeldia; entretanto, outro professor já pode perceber como estratégia do aluno para não fazer uma determinada atividade, e ainda um terceiro professor pode atribuir o fato à sua explicação que não está chamando a atenção do aluno. Partindo do ponto de interpretação por parte desses professores com certeza veremos formas diferentes de mediar o mesmo conflito.

Refletindo sobre uma possível causa ao problema da indisciplina é o fato de relacioná-la com a moralidade e o sentimento de vergonha. A moralidade muito tem a ver sobre o modo pelo qual distinguimos algo como certo ou errado e, também, pelo modo de como queremos ser vistos na sociedade, isso reflete no interesse em mudarmos de atitudes levando em conta o julgamento alheio, seja pelo fato de nos envergonharmos de um comportamento inadequado, pelo medo das consequências negativas que possam vir ou ainda pelo temor de perder a boa imagem que queremos ter. Seguindo nesse raciocínio temos o seguinte pensamento:

Se o essencial da imagem que os alunos têm de si (e querem que os outros tenham deles) inclui poucos valores morais, se seu “orgulho” alimenta-se de outras características, é de se esperar que sejam pouco inclinados a ver no respeito pela dignidade alheia um valor a ser reverenciado, e nem a considerar seus atos de desobediência como correspondentes a uma imagem positiva de si (afirmação da própria dignidade, como no caso da revolta contra a autoridade). Não sentirão nem vergonha nem orgulho de suas balburdias. Não sentirão nada. O olhar do professor não terá efeito: seus cenários são outros, suas plateias são outras. (LA TAILLE et al., 1996, p.19 apud ALVES, 2006, p.54).

Ainda nessa questão de associar as regras com a consciência moral, Piaget procurou entender, através da psicologia em seus estudos, o modo como as crianças entendem e respeitam as regras.

Com isso, ele também analisa a capacidade que elas têm na elaboração de regras, criando seu próprio sistema de normas através dos jogos e do lúdico, chegando a um nível de autonomia, pois com o princípio de igualdade, cooperação e as relações sociais, as crianças vão desenvolvendo a sua consciência moral e deixando de obedecer por obedecer, fazendo suas próprias reflexões pessoais, julgamentos e escolhas, tendo responsabilidades no respeito as regras.

Piaget explica que “A regra coletiva é, inicialmente algo exterior ao indivíduo e, por consequência, sagrada. Depois, pouco a pouco, vai se interiorizando e aparece, nessa mesma forma, como livre resultado do consentimento mútuo e da consciência autônoma.” (PIAGET, 1994, p. 34).

Acreditamos na importância dessa autonomia para o crescimento pessoal, já que a criança sente a necessidade de entender como funciona o mundo. Os vários “porquês” podem ser um sinal de que elas não só querem ouvir ordens, mas também entender os motivos pelo qual elas são estabelecidas, pois sentem a necessidade de atribuir um sentido moral para cooperarem tendo uma participação consciente.

Pensamos então que o julgamento de valor que fazemos de nós mesmos tem relação com a moralidade, mas quando se trata de normas e regras de um determinado ambiente devemos analisar todo o contexto. Pois, como podemos perceber, uma pessoa não só obedecer às regras porque é boa ou má, muitas são as interferências que estão na raiz dessa desobediência as normas.

O que acontece é que muitas vezes o não cumprimento dessas normas, que são estabelecidas a fim de organizar as relações, acaba refletindo em desrespeito, e esse desrespeito gerando um conflito ainda maior, e como consequência disso desencadeando um dos maiores desafios do educador, manter a ordem para poder desempenhar suas funções.

## **2.2 A relação da indisciplina com as práticas pedagógicas**

A prática pedagógica inclui tudo, desde o planejamento e sistematização da motivação do processo de aprendizagem, até o meio do processo fora da aprendizagem, para garantir que o ensino é essencial para o estágio de formação do aluno. Por meio desse processo é

estabelecido um mecanismo que permite aos alunos mobilizar o conhecimento previamente acumulado em outras áreas.

Segundo Freire (1983, p. 27), “o conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito face ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção.”

Como sabemos, a educação é uma prática social humana. É um processo histórico inacabado produzido pela dialética entre o ser humano, o mundo, a história e o meio ambiente. Como processo histórico, a educação não pode ser vivida por meio de uma prática que ignora sua particularidade.

A indisciplina é algo que está cada vez mais presente na realidade do professor e é um desafio marcante que dificulta no processo de ensino aprendizagem, afetando também na construção do indivíduo como ser social e, também, acaba sendo uma luta diária para o docente, ou seja, há vários fatores que fazem com que o docente tenha problemas em conduzir seu trabalho ou sua metodologia dentro da sala de aula.

O aluno indisciplinado acaba fazendo com que o professor se sinta desmotivado, e com isso o docente não consegue ver soluções adequadas para desenvolver suas atividades.

O professor desmotivado não consegue ver um caminho que possa ser traçado e então entra em um comodismo que faz com que ele não busque conhecer os possíveis problemas que o aluno está passando, e sabemos que é necessário que o professor conheça seu aluno e seja reflexivo para saber tratar com determinadas situações.

Araújo (apud ALVES, 2011, p. 71) acredita que “tratar do tema indisciplina no âmbito escolar passa por uma reflexão sobre moralidade humana, a autonomia, a liberdade e a opressão moral e intelectual”.

De acordo com o autor, não se pode pensar na indisciplina como algo isolado, é preciso se estudar e ter conhecimento de causa de todas as áreas que possam estar envolvidas, lidar com indisciplina não é uma tarefa fácil até porque é algo que passa a ser bastante desafiador e que requer muita dedicação e desempenho para poder saber como intervir.

A escola é um ambiente que é composto por regras, para que possam ajudar na convivência de todos os que estão envolvidos no ambiente, e algumas ações que venham causar o descumprimento das regras como por exemplo; confusões e desobediência, são denominadas aspectos da indisciplina, mas antes de qualquer julgamento que venha ser feito é importante avaliar a realidade do aluno e o seu desenvolvimento cognitivo, com isso fica melhor

compreender o motivo do aluno estar tendo esse tipo de comportamento, e quais as estratégias pedagógicas poderão ser aplicadas.

Segundo La Taille (1996, p. 23 apud ALVES, 2006, p. 56), “a solução encontrada seria a de reforçar no aluno o sentimento de sua dignidade como ser moral.”

Em concordância com o autor acima, fazer com que o aluno se sinta importante contribui de forma extremamente positiva tanto para o desenvolvimento intelectual, quanto para o reconhecimento sobre suas atitudes.

Sabemos que não existe uma fórmula mágica que ensine como tratar a indisciplina, porque estamos em uma era completamente diferente onde tudo tem que ser pensado, visto e avaliado, para se chegar a uma solução. É preciso ampliar a visão no sentido do processo educativo, observando desde a família do aluno até o plano pedagógico da escola.

Trazendo em discussão o plano político-pedagógico e de como ele deve ser realizado, a nova LDB, lei de n. 9.394/96, prevê no artigo, 12, inciso I, a seguinte questão, “Que os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica”. (BRASIL, 1996).

Ou seja, esse é o regulamento legal que a escola tem como essencial a tarefa de refletir sobre a sua intenção educativa.

Para poder entrar em uma discussão sobre práticas e projetos pedagógicos é primeiramente necessário conhecer a realidade da escola, onde ela está inserida e quais estratégias ela usa.

Segundo Gonçalves e Passos (1998, p. 13),

É necessário que se afirme que o discurso do projeto político-pedagógico exija uma reflexão acerca da concepção da educação e sua relação com a sociedade e a escola, o que não dispensa uma reflexão sobre o homem a ser formado, a cidadania e consciência crítica.

Em outros termos, precisa-se conhecer o meio em que ele está inserido, a escola tem que ter um pensamento voltado para a sociedade em si. Em nosso entendimento, reavaliar sua prática docente é tarefa do professor que se preocupa em realizar um trabalho de qualidade. É o que defende Parrat-Dayan (2008), quando afirma que é preciso quebrar o conceito de que o aluno é aquele que se mantém imóvel dentro da sala de aula, pois há várias maneiras lúdicas e atraentes para tornar a prática docente mais dinâmica e fazer o aluno ter uma participação ativa em seu processo de aprendizagem.



A falta de interesse do aluno nas aulas é um dos maiores obstáculos da educação escolar, existem alunos que vão para escola porque são obrigados e com isso a escola passa a ser vista para ele como um lugar ruim e desmotivador.

Segundo Aquino (1996, p. 96), relacionar a indisciplina observada na escola a fatores inerentes à “natureza” de cada aluno ou de sua faixa etária representante, nesse paradigma há um grave equívoco. Ninguém nasce “rebelde ou indisciplinado”. Por isso que quando se conhece a realidade do aluno é mais fácil de trabalhar sobre ela e buscar soluções mais rápidas.

Para Parrat-Dayan (2008, p.16) “A indisciplina é um problema sério, ela não tem forma e segue diferentes caminhos”. Entretanto, acredita-se que para uma melhoria é preciso ter o envolvimento e a participação da instituição acerca de como lidar com alunos com desvio de conduta, afinal, uma escola despreparada, que não possui projetos nesse sentido, não terá como amenizar ou solucionar casos de indisciplina dentro dela, ao contrário, estará sujeita a evidenciar esse problema.

Precisa se permitir buscar conhecer a verdadeira causa por trás do ato da indisciplina, é válido saber como abordar e tratar as circunstâncias que irão surgir, o docente que conhece seu aluno e compreende sua realidade vai saber como lidar com as conjunturas diante da indisciplina.

Conforme Parrat-Dayan (2008, p. 64), “[...] é mais eficaz se aproximar calmamente de um aluno e pedir para retomar seu trabalho que chamar a sua atenção em voz alta na frente de todos. [...]”.

Com isso, entendemos que fazer vergonha ao aluno ou levá-lo a sentir-se inferior aos outros, vai acabar refletindo de uma forma negativa e o que seria para amenizar a situação vai passar a ser um motivo a mais para que ele venha ter um comportamento ainda mais indisciplinado.

Por outro lado, há uma facilidade maior por parte do educador atento ao seu aluno em fazer com que este educando venha compreender de uma forma melhor e mais rápida que seu comportamento estaria influenciando negativamente os colegas de sua sala de aula.

Vasconcelos (1989 apud BENNET; COSTA, 2009, p. 11):

Aponta que para que haja um ensino transformador, é preciso competência profissional e coragem para rever as propostas de trabalho no interior da escola, onde apesar dos problemas enfrentados, que não são poucos, o educador compreenda que ele ainda é o principal agente de sua transformação, junto aos seus pares e todos os envolvidos no processo.

Por tais motivos, é imprescindível que o professor se motive a estudar os aspectos da indisciplina, conheça suas limitações como profissional, reavalie suas práticas e busque estratégias de amenizar ou solucionar estes problemas, afinal, sempre há uma melhor maneira para tratar um problema, e será preciso fazer a escolha certa quando colocado frente a essas situações, que são tão corriqueiras no exercício da nossa profissão.

### 3 METODOLOGIA

Compreendendo a realidade social em sentido amplo, envolvendo os seres humanos, e suas interações nas instituições sociais, entendemos que esse estudo se aproxima de uma pesquisa social, nos termos colocados por Gil, ou seja, uma pesquisa que “permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social.” (GIL, 2008, p. 27).

Quanto à sua finalidade, essa pesquisa se constituiu como aplicada (GIL, 2010), ou seja, reúne estudos com a finalidade de preencher uma lacuna no conhecimento. Quanto aos objetivos gerais, essa pesquisa se classifica como exploratória (GIL, 2010), mas aproxima-se de uma pesquisa descritiva (GIL, 2010), na medida que levanta opiniões, atitudes e crenças de professores considerando a temática investigada. Procedeu-se, ainda, a uma pesquisa bibliográfica em autores que tratam do tema em foco.

Os métodos empregados serão realizados em campo, e a sua natureza será qualitativa. Conforme escreve Minayo (2013) a respeito de pesquisa qualitativa, esse tipo de pesquisa corresponde a questões muito particulares, ou seja, tenta compreender a realidade pela ótica do sujeito, ocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

Quanto ao local, a pesquisa foi realizada em uma escola da rede de ensino privada. Para fins de preservar a identidade da escola e dos participantes, denominaremos a instituição pesquisada de Creche Escola “A”, que se encontra no bairro Aldeota, e conta com 50 profissionais ao todo e uma média de 550 alunos do Infantil II ao quinto ano do ensino fundamental. Em seu espaço, encontra-se uma quadra, playground, cantina, quinze salas de aula, biblioteca, informática, refeitório, dois dormitórios, duas salas de vídeos, salas para a direção e para a coordenação.

A Creche Escola “A” é uma escola construtivista que trabalha para que os indivíduos formem opiniões e se tornem seres críticos. Além disso, eles também trabalham a autonomia e a inclusão, porque na escola há crianças com necessidades especiais, inclusive na sala que foi objeto de estudo.

Os participantes da pesquisa foram a professora 3º ano do ensino fundamental e a Coordenadora da escola. Escolhemos a turma do 3º ano do ensino fundamental, porque são crianças que estão passando pelo processo de transição, ou seja, saindo da fase da infância e começando a criar mais responsabilidades e conhecimento de mundo. Os entrevistados participaram do estudo de forma voluntária. Foram excluídos do estudo os professores que não eram do 3º ano do ensino fundamental.

Quanto aos métodos empregados na coleta e análise de dados, essa pesquisa se classifica como qualitativa no que se refere à natureza dos dados, pois busca-se compreender a realidade pela ótica dos sujeitos, no caso, a coordenadora e a professora. Essa pesquisa se constitui de campo, no que se refere ao ambiente onde os dados serão coletados (GIL, 2010).

A coleta de dados foi por meio de entrevistas, compostas por cinco perguntas para a professora e quatro perguntas para a coordenadora, com a finalidade de levantar dados a respeito de quais são as causas que levam os alunos a terem um desvio de conduta e o descumprimento das regras escolares. Além disso, a coleta de dados visa saber se a escola possui alguma proposta pedagógica voltada para solucionar casos específicos de indisciplina, bem como, quais estratégias podem ser usadas para auxiliar os professores a controlar, amenizar ou até solucionar esses problemas.

As entrevistas foram organizadas de forma semiestruturada, nos termos colocados por Minayo (2013), ou seja, combinando perguntas fechadas, feitas pelo investigador, buscando dar maior profundidade às reflexões; e perguntas abertas, dando aos entrevistados possibilidade de falar livremente sobre o tema pesquisado.

Quanto aos aspectos éticos, os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde foram explicados os objetivos do estudo, os riscos e benefícios, além da participação voluntária e não remunerada e preservação da identidade dos mesmos.

Quanto aos riscos deste estudo para os participantes, consideramos que foram mínimos. Não houve nenhum procedimento invasivo à privacidade dos entrevistados. As entrevistas com a professora e a coordenadora ocorreram de forma remota, por meio do aplicativo de comunicação *WhatsApp*. Os entrevistados puderam, a qualquer momento, optar em não responder às perguntas ou até mesmo interromper a entrevista caso se sentissem constrangidos.

Esta pesquisa, portanto, procurou respeitar os princípios éticos envolvendo seres humanos.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, apresentaremos os resultados de nossa coleta de dados, discutiremos as respostas dos participantes da pesquisa e faremos a análise de acordo com os estudos já discutidos neste trabalho.

As primeiras cinco perguntas foram feitas para a professora e o primeiro questionamento foi: “O que a senhora entende por indisciplina dos alunos em sala de aula?” Em resposta a professora disse:

Eu associo o termo indisciplina diretamente com desordem e desorganização, isso por conta do senso comum. Então, vejo a indisciplina na sala de aula como a aquele momento em que uns alunos distraem os outros alunos, distraindo também a professora no momento em que ela está ensinando. É o momento de algum conflito, choque de ideias entre os alunos ou quando ocorre alguma situação de desrespeito aos colegas e isso começa a se converter em prática de bullying. Portanto, todo esse caos que venha tirar a ordem da sala de aula, eu enxergo como indisciplina. (PROFESSORA).

A professora associa indisciplina com desordem e desorganização; de fato é bem comum esse comparativo pois de acordo com Parrat-Dayan (2008, p.18): “Em geral o conceito de indisciplina é definido em relação ao conceito de disciplina [...]”. por isso a professora considera indisciplina tudo o que venha causar desordem na sala.

A segunda pergunta foi: “Quais práticas pedagógicas o(a) senhor(a) utiliza para lidar com a indisciplina em sala de aula?”, seguido da resposta:

Em relação as práticas pedagógicas, a primeira coisa que faço quando percebo essas ações que indicam indisciplina, é tentar entender a fonte do conflito. Não opto por silenciar a turma e encerrar o assunto, pois acho isso um problema. É preciso descobrir como surgiu o conflito e trabalhar em cima disso, entendendo os motivos que geraram a indisciplina. Considero importante reservar um momento da aula para conversar sobre a indisciplina trazendo algumas reflexões com o intuito de que os alunos melhorem seu comportamento. (PROFESSORA).

Sabemos que lidar com a indisciplina não é tarefa fácil. Alves (2006, p.16) diz que a indisciplina tem sido uma das grandes dificuldades da escola contemporânea. Percebemos a preocupação da professora em entender a fonte do problema, e isso é importante, visto que o professor precisa ser reflexivo, buscando conhecer os seus alunos para poder ajudá-los a superar suas dificuldades.

A terceira pergunta foi: “Alguma vez, o(a) senhor(a) teve que interromper a aula para mediar situações de conflitos geradas por indisciplina dos alunos? Caso positivo, poderia relatar a experiência?”, e o relato da professora é que:

Sim, eu tinha um aluno que sempre chegava na sala de aula muito sério, não sorria, jogava a mochila no chão e sentava aparentemente irritado, falava com os colegas de uma forma muito imperativa, dando ordens a todos. Foi então que comecei a perceber que ele se expressava muito através dos desenhos, e foi através dos desenhos que consegui começar uma aproximação com ele, de conversar e fazer questionamentos, isso foi um trabalho diário que aos poucos fui conseguindo ganhar sua confiança e pude contribuir na melhoria do seu comportamento. (PROFESSORA).

Pela resposta da professora, vemos que a docente deu uma atenção maior para o aluno; sua atitude não foi a de chamar atenção dele em voz alta na frente de todos, mas ela procurou uma forma de se chegar ao discente, ganhar sua confiança e entender o motivo de seu comportamento.

Percebemos que o relato da professora está de acordo com o pensamento de Parrat-Dayán (2008, p. 64), quando ela afirma que “[...] é mais eficaz se aproximar calmamente de um aluno e pedir para retomar seu trabalho que chamar a sua atenção em voz alta na frente de todos”.

A quarta pergunta foi: “Em sua opinião, que fatores influenciam na indisciplina?”, seguido da seguinte resposta: “Infelizmente o que eu mais percebo é que essas questões de indisciplina vêm muito da bagagem que a criança traz de casa, porque em casa ela não consegue expressar seus sentimentos. Em casa também acontecem conflitos que elas não sabem lidar.” (PROFESSORA).

Conforme a resposta da professora, os possíveis fatores que influenciam na indisciplina estão relacionados com os problemas pessoais que os alunos vivenciam em casa, sabemos que esses conflitos podem advir de diversas situações ou problemas.

Entendemos que não há uma causa específica para justificar a indisciplina, pois ela é complexa. Alves (2006, p. 50) explica que “sua complexidade se justifica por existir uma infinidade de variáveis que interferem nas relações e nos comportamentos humanos”. Então, esses fatores que a professora relata, podem sim interferir no comportamento dos alunos gerando indisciplina.

A quinta e última pergunta direcionada a professora foi: “A escola possui algumas estratégias quando há situações de indisciplina? Caso positivo, quais são?”, e em resposta ela diz que:

As estratégias da escola são: comunicar a família, enviando um comunicado na agenda, e no caso dos pais não verem a agenda do filho a escola entra em contato com esses pais ou responsável pelo aluno, que deverão comparecer a escola para uma reunião juntamente com a professora e a coordenação, e em casos mais específicos com a presença da psicóloga. (PROFESSORA).

A professora cita como estratégia a presença dos pais ou responsáveis em uma reunião na escola. Entendemos que o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos é importante e necessário. A escola precisa estar atenta aos problemas de indisciplina e buscar as estratégias necessárias. É preciso também refletir sobre a relação da educação com a escola e a sociedade.

Sobre isso, Gonçalves e Passos (1998, p. 13) dizem que:

É necessário que se afirme que o discurso do projeto político-pedagógico exija uma reflexão acerca da concepção da educação e sua relação com a sociedade e a escola [...]. Portanto concordamos que trazer a família para dentro da escola é uma forma de buscar conhecer o aluno e a realidade em que ele vive.

Demos continuidade com mais quatro perguntas, que foram feitas para a coordenadora da escola. A primeira pergunta foi: “Em sua opinião, que fatores influenciam na indisciplina dos alunos?”. Obteve-se como resposta: “Existem vários fatores, mas acredito que os principais são a família por muitas vezes ser ausente, aulas desinteressantes e também a falta de controle na sala de aula.” (COORDENADORA).

Diante do que foi discutido, percebemos que a família sempre é considerada um fator relevante no que se trata do termo indisciplina, com algumas exceções, pesa o fato de os pais não estarem presentes no cotidiano das crianças. Afinal, são os adultos que ditam o modelo de indivíduo que a criança irá se tornar, são eles que reproduzem as regras sociais, antes de a criança ter o primeiro contato com o ambiente escolar.

Sobre a falta de controle na sala de aula e o conteúdo desinteressante das aulas, consideramos que são reflexo da formação inicial e continuada do professor, visto que estes são momentos cruciais para edificação da identidade docente, se o professor realiza uma formação iniciada e/ou continuada de forma aligeirada, acaba por priorizar conteúdos voltados apenas para a prática docente, muitas vezes através de manuais ou receituários que apenas copiam ou

reeditam os conteúdos de forma contínua, sem se preocupar em adaptar os conteúdos apresentados em sala de aula.

Vasconcelos (1989 apud BENNET; COSTA, 2009, p. 11) aponta que, para que haja um ensino transformador, é preciso:

[...] competência profissional e coragem para rever as propostas de trabalho no interior da escola, onde apesar dos problemas enfrentados, que não são poucos, o educador compreenda que ele ainda é o principal agente de sua transformação, junto aos seus pares e todos os envolvidos no processo.

A segunda pergunta foi: “Como tem sido o trabalho da coordenação pedagógica em lidar com a indisciplina dos alunos?”. Obtivemos a seguinte resposta: “Por incrível que pareça é muito difícil esses casos de indisciplina corriqueiros, mas quando ocorre, partimos do princípio da orientação e também de conversas com os alunos, buscando sempre de uma forma saudável resolver a situação.”

Diante do exposto, podemos perceber que o diálogo sempre é uma estratégia muito importante até porque é necessário conhecer a realidade e o porquê de cada ato de indisciplina, e é através da conversa que por muitas vezes passamos a entender a realidade do aluno.

Benett e Costa (2009) defendem por exemplo a questão de pensar coletivamente no assunto, como forma de ajudar os profissionais a adquirir práticas educativas reflexivas.

A terceira pergunta feita foi: “A escola possui algumas estratégias quando há situações de indisciplina? Caso positivo, poderia relatar a experiência?”. Como resposta, temos: “Quando acontece, a parceria com a família é uma das maiores ferramentas usadas.” (COORDENADORA).

O diálogo com os responsáveis sempre será um dos melhores meios de solução, tento em vista que eles são os agentes principais para poder ajudar de forma direta no comportamento de seu filho e até mesmo entender o que está levando-o a ter um mal comportamento.

A relação família e escola é algo que deve sempre andar juntos para que ambos possam auxiliar no processo de desenvolvimento do indivíduo como ser social. Um ponto positivo que podemos ter quando a escola usa como ferramenta a parceria com a família é que passa a conhecer a realidade de seu aluno e passa a saber como trabalha diante das situações que possam surgir no decorrer no processo.

A quarta e última pergunta foi: “Como os professores são orientados a lidar com a indisciplina em sala de aula?”. A seguir, a resposta: “Então, como já foi dito, é difícil esses

casos de indisciplina acontecerem, mas sempre trabalhamos com esse tema, em nossos encontros e reuniões, através de filmes, debates e palestras.” (COORDENADORA).

É importante que os professores tenham um conhecimento mais profundo sobre esse tema, até porque sabemos que a prática é um tanto quanto diferente da teoria, um professor despreparado infelizmente não saberá como reagir diante de casos de indisciplina, simplesmente por não ter um conhecimento sobre o assunto e também por não ter um preparo para esse tipo de situação. Quando a escola prepara seus docentes para saber lidar com determinadas situações, o professor se sentirá mais confiante e, também, saberá como reverter essa situação.

Araújo (apud ALVES, 2006, p. 71) acredita que “tratar do tema indisciplina no âmbito escolar passa por uma reflexão sobre moralidade humana, a autonomia, a liberdade e a opressão moral e intelectual”.

Em outros termos, é preciso conhecer o ambiente em que o aluno está inserido, e a escola deve ter uma mentalidade voltada para a própria sociedade. Em nosso entendimento, reavaliar sua prática docente é tarefa de professores que se preocupam em realizar um trabalho de qualidade.

## 5 CONCLUSÃO

Neste trabalho abordamos o assunto “Desafios dos professores na prática escolar a partir de aspectos disciplinares dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental” e concluímos que não existe uma definição única sobre a indisciplina; não há como identificar uma causa específica, por ser a indisciplina uma categoria ampla, complexa e objeto de múltiplas interpretações.

Porém, seu conceito está associado à ausência de regras. Portanto entendemos que a desordem, conflitos, desobediências e desrespeito às regras são caracterizados como atos de indisciplina.

É importante destacar a necessidade de se avaliar cada caso individualmente, por questões dos fatores externos, como os problemas familiares e sociais, pois influenciam no comportamento humano.

Em relação à indisciplina com a prática pedagógica, conclui-se que para realizar um ensino transformador é necessário habilidade e coragem profissional para rever as propostas



de trabalho na escola, pois apesar de enfrentar muitos problemas, o educador sabe que ele ainda é o principal agente de mudança, assim como seus pares e participantes desse processo.

Em nosso entendimento, os objetivos propostos nesta pesquisa foram atingidos, pois, após a discussão bibliográfica e coleta de dados em campo, foi possível conhecer as causas da indisciplina e sua relação com a prática pedagógica.

Este trabalho foi importante para o nosso conhecimento pessoal e profissional, e o aprofundamento neste tema nos permitiu conhecer melhor as causas da indisciplina e sua relação com a docência. Além disso, fez-nos compreender a importância do professor dentro do ambiente escolar, o que também nos permitiu desenvolver e aprimorar nossas habilidades de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALVES, C. M. S.D. **(In)Disciplina na escola**: cenas da complexidade de um cotidiano escolar. 1.ed. Ilhéus, BA: Editus, 2006.

AQUINO, J. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 11. ed. São Paulo: Sannus, 1996.

BENNET, T.S; COSTA, L.C. **Indisciplina na sala de aula**: algumas reflexões. 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2186-8.pdf>> Acesso em: 16 jun. 2019

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, Distrito Federal, 21 dez. 1996.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 1983

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, L; PASSOS, I. **Escola**: Espaço do projeto político- pedagógico. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

GUEDES, D. K. de O.; LIMA, T. O.; LIMA, J. M. C. Uma análise da indisciplina de alunos do 5º ano em uma escola municipal. Revista **Educação & Ensino**, Fortaleza, v.3, n.1, jan./jun.2019, p.62-78, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/issue/view/10>> Acesso em: 21 dez. 2020

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PIAGET, J. **Juízo moral na criança**. 4.ed. São Paulo: Summus, 1994.

SILVA, J. de L.; LIMA, J. M. C. Indisciplina escolar: um dos desafios na condução do processo ensino-aprendizagem. **Revista Educação & Ensino**, Fortaleza, v.1, n.1, jan./jun.2017, p. 33-49, 2017. Disponível em: < <http://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/issue/view/8>> Acesso em: 21 dez. 2020

VERGAMOTA DE SÁ, A. P. F; LIMA, A. B. de L; GOMES, M. J.; PEQUENO, L. L. C. A (in)disciplina no contexto escolar: desafios e perspectivas. **Educação & Ensino**, Fortaleza, v.4, n.1, jan./jun. 2020, p.24-45, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/issue/view/19>> Acesso em: 21 dez. 2020

**Recebido em:** 22/02/2021

**Aprovado em:** 20/05/2021